

**Amizade publicada:
cartas
de uma estudante
das artes da cena**

Luciana de Bem¹

¹ Luciana de Bem é Psicóloga de profissão, atriz, dançarina e pesquisadora cênica por amor às artes da cena. Desde 2014 integra o Núcleo Renda que Roda - grupo de pesquisa em danças populares

Querida Sheila,

Outro dia você me perguntou sobre minha história com o teatro. Sabia que fui fazer teatro porque sentia saudades do mar? É! O motivo maior foi esse! Aliás, minha vida é movida por este sentimento: saudade! O ano era 2004, e eu, que tinha sido criada em Blumenau, estava de volta havia um ano, depois de viver 13 anos em Florianópolis. Foi difícil voltar a morar em Blumenau. Eu gostava muito de Florianópolis. Eu tinha amigos, tinha o céu vasto com

brasileiras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul onde pesquisa o corpo mitológico e as danças populares brasileiras. É uma das intérpretes criadoras do espetáculo Terreira e do estudo

horizonte pra se olhar, tinha um corpo mais liberto e tinha, sobretudo, o mar. Voltar a Blumenau representava um retorno a um modo de vida luterano, a um modo de vida centrado unicamente no trabalho e, contraditoriamente, eu voltava para Blumenau por este motivo: o trabalho. Blumenau oferecia oportunidades. Eu sei que posso te contar sobre isso. E sei que você vai entender até quando falo de mim para você. Eu tenho, em mim, muitas vozes. Vozes que se recusam a se calar. Vozes que não são classificáveis, vozes de muitos tons, muitos volumes. São inclassificáveis e fugidias do padrão psicopatológico.

coreográfico Sal. Desde 2015 é atriz virtual do núcleo teatral Coelho Mordem de Uberlândia.

No entanto, têm lugar de potência, de respeito, de expansão e de retração, lugar de sustento subjetivo, de criação, de mostra objetiva, material, muscular, corporal, lugar coletivo, lugar singular. As vozes que escolhi para te contar são as vozes do teatro, do fazer cênico, da constituição processual de uma estudante de teatro capturada pelo “canto da sereia” da Escola, ou melhor, na Carona Escola de Teatro. Fui alfabetizada em teatro pelas múltiplas vozes que compõem o coletivo da Cia Carona. Os primeiros passos, ou as primeiras vozes, foram ouvidas em uma turma de três alunos do professor Pépe. Sim, menina, eram três alunos, eu com 33 anos e dois adolescentes de 17. O primeiro impacto foi perceber que o que

aparece em cena era construído de um jeito que eu não fazia ideia. Que teatro não era apenas decorar e dizer o texto com voz empostada. A gente tinha de acordar o corpo. Tinha de correr, pular, alongar e, ainda por cima, prestar atenção nos colegas. Pépe fazia a gente ficar exausto e, quando a gente não aguentava mais, ou achava que não, ele dava uma tarefa que era um pedacinho de texto, uma foto ou um questionamento. Incrivelmente, o ânimo e o corpo pareciam alertas para executar as tarefas propostas. A princípio, achei aquilo bem louco e parecia sem sentido. Contudo, de alguma forma, funcionava para realizar as tarefas solicitadas pelo professor. Sabe, amiga, eu não entendia muito bem,

mas saía das aulas com a sensação que algo mudava de lugar. Não sabia o que era, mas mudava... Outra coisa que não te contei é que, além da saudade do mar, eu fui fazer aula porque estava começando o ofício de professora e queria lidar melhor com minha exposição no “palco” da sala de aula. É muito interessante revisitar essa história, porque tanta coisa foi desvelada a partir daí. Tudo o que eu imaginava que conhecia sobre teatro foi se desconstruindo e dando lugar a algo inesperado, que dava as mãos a outros fazeres humanos e a outros desejos muito singulares que eu tinha. Quando digo “outros fazeres humanos”, me refiro à solidariedade, à generosidade, à paciência; enfim, a elementos que eu não esperava

desenvolver no teatro. Durante essa primeira experiência de “alfabetização”, eu iniciei uma compreensão de leitura de corpo, do tempo, dos colegas de cena e do espaço, que só foi fazer sentido amplo mais tarde. Depois desse primeiro semestre de 2004 com o Pépe... aliás, terminamos o semestre com uma mostra de esquetes, apresentando um resultado muito interessante de trabalho de corpo, essencialmente. Acho que você não vai entender agora o que eu quero dizer com “trabalho de corpo”. Eu também fui entendendo aos poucos. Vou tentar te contar na próxima carta.

Um beijo, querida! Não vou me alongar muito. Estou um pouco

cansada hoje, a gente continua essa prosa outra hora, se você quiser. Bom descanso.

Oi, Sheiloca!

Desculpe a demora em retomar nossa prosa. Desculpe o sumiço. É que eu estou muito tocada e preocupada, pois tenho alguns amigos infectados pela Covid e, por coincidência, um deles é o Pépe. Meu primeiro professor de teatro da Escola, aquele que te contei, lembra? Ele está se recuperando em casa, mas o marido dele, o Pedro está internado. Essa doença mexe com as vontades da gente, né? Mas você tem pedido, está curiosa para saber a história (risos), então vou contar mais um pouquinho. Pois é, quando

terminei o primeiro curso com o Pépe, eu senti necessidade de continuar na Escola. Aí comecei a segunda etapa da alfabetização com o professor Fábio. Com ele, eu fiquei um ano. A turma era somente de adultos. Durante esse tempo, experimentei e aprofundei a coletividade, a percepção da presença do outro em cena, o jogo, as tensões. Fábio trabalhava e intensificava o trabalho de corpo. Fui entendendo a lógica do que Pépe começou e que talvez fosse o método ou o fundamento dessa escola de teatro. Mas eu não tinha certeza. Parecia uma “corrida de revezamento”, sendo o bastão do Pépe passado ao Fábio com a exigência de que corrêssemos “morro acima”, pois os trabalhos de corpo

eram mais intensos. A exaustão se fazia presente em sala de aula. Esse estado de “exaustão” também só fez sentido para mim depois, porém já percebia sua presença e já sentia que meu corpo se transformava em algo diferente para os improvisos de cena desde essa época. Fábio trabalhou também o corpo da voz. Trabalhou o canto em cena e foi quando aprendi o que seria uma atriz cantando, e não uma cantora. Ficamos um ano juntos, montamos contos de Nelson Rodrigues, participamos de uma mostra competitiva e da mostra da escola no final do ano. Lembra que te mostrei essas fotos? Que brincávamos com as falas: “Eu tenho cartas! Caaartas!; Dona Luciana, dona Luciana! A senhora é casada,

está se desmoralizando!”. Por coincidência, o nome da minha personagem era Luciana. Depois disso, por conta do trabalho como professora de Psicologia, que se intensificava, e pelo compromisso de cumprir os prazos do Mestrado, eu fiquei um ano fora da escola. Que bobagem que fiz, menina! Morri de saudade, comecei a perceber que aquele espaço, aquele fazer extra-cotidiano me alimentava subjetivamente, me sustentava no dia a dia. E aí, quando voltei, voltei com o Professor James. A saudade me trouxe de volta. Já viu que a saudade me move, hein, amiga? A saudade dos trabalhos corporais, daquele estado de disponibilidade para criação. Encontrei novamente tudo

isso na turma do James. Era uma turma de sábado à tarde, com colegas novos. Aqui, com o James, havia um elemento diferente. O professor instigava uma autoexposição de fragilidades que era algo novo, desconfortável, porém desafiador. Mais um elemento que eu fui entender mais adiante. Fiz um semestre nessa turma, culminando na tradicional mostra de final de semestre. Apresentamos uma peça chamada “Fragmentos do cotidiano”, e, em uma das cenas, eu bordava uma camisa – lembra que você comentou uma foto minha do ano passado no Insta e eu disse que não era a primeira vez que bordava em cena? Pois é, a semente foi lá aos sábados com o James. No semestre seguinte, me

matriculei novamente. Desta vez na turma de *Clown* – Palhaço, com o James novamente. Colegas novos, forma de preparação corporal já conhecida, James um pouco mais detalhista nos pedidos das tarefas. Fui entendendo ali alguns porquês dos detalhes, a importância quase sagrada do nariz vermelho e a profunda sinceridade que é necessária para se mostrar palhaço. A coragem para mostrar e deixar surgir as fragilidades corporais e lidar com as fragilidades emocionais a partir dessa exposição. Foi desconfortável, confuso, forte e profundo. Sabe, amiga, eu não entendi completamente a experiência, o desconforto não deixou, mas sentia que havia potência de criação ali. Ali, na turma de palhaços, adubei a

semente da “verdade” em cena. A ideia semeada de que o ator precisa ser autêntico - senão a cena não é, a história contada em cena não é. Dali, voltei para o Pépe. Uma turma de adultos aos sábados. Fizemos Shakespeare. Trabalho interessante com uma turma relativamente grande e heterogênea. Nessa turma, percebi a habilidade do professor em lidar com a heterogeneidade, com a diversidade de motivos que moviam aqueles alunos a estarem ali. Uns pela arte de atuar em teatro, outros para romper amarras emocionais, outros para brilhar na televisão. Desvelou-se ali o ensino-aprendizagem das artes da cena como meio, como processo de auto e hetero-conhecimento. Tu não imaginavas que teria tanta coisa numa

escola de teatro, né? Nem eu imaginava, gurria. Ih, agora que percebi! Não te contei que a escola tinha decidido escolher temas de dramaturgias e dramaturgos como estratégia pedagógica! Enquanto fui aluna da escola, participei dos estudos de Shakespeare, Teatro Grego, Teatro do Absurdo, Brecht e Dramaturgia Brasileira. Com James, na turma de Palhaços estudamos Teatro Grego e Teatro do Absurdo. Com Pépe, passei pelas outras três estratégias. Amiga! Tenho que me despedir agora. Estou bem cansada, os atendimentos online são extremamente cansativos. Amanhã continuo.

Um beijo em ti, nas meninas e no teu magrelo.

Oi, Sheili!

Te deixei na curiosidade, né amiga? É que as coisas estão muito tristes e difíceis. Não estou conseguindo escrever. Lembra que te falei dos amigos infectados? Pois é, o Pedro, marido do Pépe, foi para a UTI. Eu fiquei devastada. Ele é muito jovem, um rapaz cheio de potência criativa. Sabe que ele veio para cá duas vezes? Pois é, veio em um evento de arte-educação e, depois, veio expor no Museu de Arte Contemporânea. Dessa última vez, ficou 15 dias. Estreitamos muito a amizade nessas vindas. Na época em que ele veio, eu estava trabalhando muito, e o Rudi

estava trabalhando no pantanal. Sabe que minhas amigas adotaram o Pedro? Enquanto eu trabalhava e ele tinha tempo livre, elas o levaram para conhecer a cidade. Pensa na comoção desse povo aqui quando souberam que ele tinha se infectado. Fizemos uma campanha nas redes sociais chamada “Respire, Pedro!” Pois é, mas tu me perguntou sobre o envolvimento com as outras dramaturgias que a escola propunha, né? Vou tentar te contar um pouquinho. Com Pépe, novamente, começamos a estudar Brecht. Éramos uma turma pequena e desafiadora, disposta e aguerrida. Aqui, fui começando a “juntar” as pontas dos elementos que ficaram soltas pelo caminho. Comecei a entender o que é

pesquisa de ator. Semente lançada lá nos primeiros passos, nas primeiras aulas que foram sendo adubadas e molhadas por todos os professores da escola. Pépe propunha trabalhos corporais profundos. Aqui fui entendendo a importância da exaustão para chegar a um corpo extra cotidiano para a criação cênica. Mergulhamos em Brecht com força e ficamos juntos durante um ano. Trabalhamos Brecht, participamos ativamente de todas as etapas da montagem, desde a construção do cenário, planejamento de figurino, elementos de cena, trilha sonora, iluminação; enfim, tudo era debatido e discutido entre o grupo de estudantes. Construimos uma cerca de arame farpado como cenário.

Costuramos pães e penduramos no teto como elemento cênico. Nesse período, Bina – Sabrina Marthendal – se juntou a nós, ela é uma das atrizes da Cia Carona. Ela veio para ser assistente de direção do Pépe, mas se transformou em muito mais que isso. Fizemos duas apresentações em duas mostras organizadas pela escola. Foi uma experiência potente em muitos sentidos, principalmente a de apresentar uma obra mais de uma vez e de aprofundar as relações com os colegas de cena. No ano seguinte, lá estava eu na escola de novo! Novamente, caí na turma do Pépe e mergulhamos na Dramaturgia Brasileira. Ao grupo de alunos do ano anterior se juntou um novo colega. Escolhemos Plínio Marcos e sua

“Navalha na Carne”. O processo de construção dessa encenação continua cravada na minha musculatura. Pépe trazia ideias geniais e nós as expandíamos em sala. Colocamos nossos corpos a serviço do submundo dramaturgico de Plínio Marcos. Mas sabe, Sheila, que aconteceu uma coisa inédita nesse ano: os alunos e o próprio professor tiveram muitos problemas pessoais, o que fez com que cancelássemos muitas aulas. A mostra dos espetáculos da escola foi marcada, os ingressos vendidos, e a turma “avançada” não estava com a peça pronta, imagina guria! Tínhamos um material cru e incipiente para apresentar. Achamos que não participaríamos da mostra naquele ano. Mas tu não conheces o

Pépe, né? Esse é danado, risos! Ele chegou com a proposta de fazermos um mutirão com serões para levantarmos o espetáculo até a mostra. Em uma semana! Proposta arrojada e insegura. Alguns integrantes da turma não quiseram, mas a maioria aceitou o desafio. Ficamos em quatro integrantes. A proposta era mantermos os horários habituais das aulas, nos colocarmos à disposição para horários extras e fazer ensaios intensivos no final de semana, pois a mostra seria em uma segunda feira. E, assim, de forma intensiva, resgatamos o material “cru” que tínhamos, adaptamos para quatro integrantes e, sob a batuta do Pépe, fomos solidificando os personagens de “Navalha na Carne”

em nossas carnes. Percebi, de forma muito visceral, que essa experiência, realizada do jeito que foi, produziu a síntese que faltava. Digo que a experiência “juntou” todas as pontas soltas que, como aprendiz da escola, eu fui deixando. Sabes que hoje percebo que o que chamo de “pontas soltas” nada mais é do que o processo de construção do aprendizado em arte da cena? Arte que se materializa nos corpos. Corpos dos professores, colegas de cena e público. Arte que se constrói no presente, na presença presente, em relação a outros corpos igualmente presentes, em relação a uma dramaturgia que surge depois dos corpos. O que eu quero te explicar, amiga, é que aprendi que o texto do teatro precisa encontrar

significado no corpo do ator antes de se transformar em voz. Nós apresentamos uma obra muito potente, sabe? E foi tão forte e importante que formou o embrião de um grupo. Mas essa prosa é para outra carta. Tenho que trabalhar agora.

Beijos, amiga, fique bem e cuide-se.

P.S.: RESPIRE, PEDRO!!!

Oi, Bunita!

Dia difícil hoje. Recebemos o boletim médico do Pedro. Está entubado, de bruços e com suspeita de comprometimento renal. Nos assustamos por aqui. Tivemos a notícia de um outro amigo com Covid, o Roberto, que também era

professor da Escola Carona enquanto eu estudava lá. Ele não foi internado, mas está sofrendo. Eu resolvi escrever para ti hoje. Por eles, principalmente. Porque são amigos muito ativos, muito criativos. Penso que gostariam de que continuássemos nos movendo. Então, na carta passada, te contei sobre a força e a importância que foi a montagem do “Navalha”, né? Pois é, depois disso, saí da Carona Escola de Teatro com meus companheiros e colegas de escola. Essa experiência nos deu uma certa autonomia, criamos entre nós um vínculo tão forte que nos “cuspiu” da Escola, risos. Criamos um grupo chamado “Viscera Teatro”. Não poderia ter outro nome senão esse. Grupo gerado por relações viscerais

com o aprendizado em teatro. As duas montagens do Viscera que participei foram aprimoramentos e remontagens de peças que tiveram seu embrião na Escola, além de serem dirigidas pelo Pépe. Uma delas conta com a participação da Bina, que é professora da Escola, como atriz. Nosso grupo era visceralmente ligado à Carona Escola de Teatro. É, eu nunca te contei como surgiu o Viscera Teatro, né? Pois é, foi assim como eu falei. Mas eu não fiquei muito tempo no Grupo. Em novembro de 2010, me mudei para Campo Grande, lembra? Me desinstalei novamente. Moro no Centro Oeste do Brasil, na terra dos Kadiwéu, dos Terena, dos Guató. Aqui, as araras voam todos os dias em cima da minha casa, às dezesseis

horas, pontualmente. Cheguei aqui aos 40 anos e, por intermédio de uma das professoras da Carona Escola de Teatro, descobri meu corpo no Circo. Fui aluna de um Ponto de Cultura de Teatro e Circo – Circo do Mato. Durante esse processo de aprendizagem de técnicas circenses, fui me dando conta de mais algumas “pontas” soltas provocadas durante os aprendizados na Escola Carona. Comecei a perceber uma necessidade de pesquisa, de trabalho sobre mim como atriz. O projeto do Ponto de Cultura acabou e eu continuava com essa inquietação.

Beijo, amiga!

Carta curta hoje, mas é para manter a vida viva e em movimento.

P.S.: RESPIRE, PEDRO.

Oi, Sheila!

Como estão as coisas por aí? Aqui estamos bem de saúde. Tenho boas notícias, Pedro continua na UTI, mas os índices estão melhorando e logo vão tirar a sedação. Ah, tenho uma coisa para te contar. Fui convidada pela Companhia Carona para escrever um artigo para uma revista eletrônica que eles vão lançar. Pediram para que eu contasse um pouco minha trajetória na escola e o que eu continuo fazendo, como estão minhas pesquisas em teatro ou arte da cena. Pois é, fiquei feliz. Estou organizando as ideias. Estive pensando o quanto eu procurei aqui em Campo Grande uma interlocução parecida com a que

tinha na Escola e no Viscera. Até que assisti ao espetáculo de dança “Outra Pele”, de Gabriela Salvador. O trabalho de corpo e, principalmente, a presença cênica me instigaram a procurar por ela. Eu queria pesquisar o trabalho de atriz, o trabalho sobre si. Foi então que Gabriela, que é professora de artes cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, me aceitou como parceira de pesquisa. Ela estava terminando o Doutorado em Artes da Cena no qual pesquisou os estados alterados de consciência para a criação e a presença cênica. Ela desenvolveu a pesquisa sobre si mesma e precisava aplicar em alguém e eu estava ávida, disponível. Em nossas primeiras conversas, percebi

que tínhamos pensamentos convergentes sobre o trabalho de corpo do ator, sobre criação e presença cênica. Aqui, no contato com Gabriela, percebi a presença dos meus primeiros passos na Carona Escola de Teatro. Senti acolhimento e a sensação de retorno à casa. Esse encontro me aguçou a vontade de conhecer mais sobre os processos de criação em arte. Eu andava pensando na época que esses processos seriam construções sociais, sabe? Desenvolvidos nas relações de encontro entre seres humanos. Assim, a dança como uma arte da cena, me abria novos e possíveis caminhos para esse encontro. A saudade aqui novamente. Eu sentia saudade dos amigos de cena, da intimidade

facilitada e mediada pelo processo de criação experimentado na Escola. Em nossos encontros, a relação de confiança foi se estabelecendo. Gabriela foi trazendo a metodologia dos estados alterados de consciência para a o processo de criação, de um jeito muito cuidadoso e devagar. Amiga, aqui foi me apresentada uma novidade interessante: a pesquisa corporal a partir das danças brasileiras. Gabi é uma intensa pesquisadora do corpo brasileiro. O corpo brasileiro que dança, que encena. Da cultura em movimento, seja nas ruas, nos terreiros, nas festas populares do Brasil afora. Essa foi a inspiração poética e sensível que nos impulsionou. Amiga, tenho que me despedir! Está um calor infernal aqui

e eu estou bem cansada. Comecei outra etapa da conversa, né? O que isso tem a ver com Escola? Risos. Muita coisa que amanhã te conto.

Beijos e

RESPIRE, PEDRO!!

Oi, Lindeza!

Como estão as coisas por aí? Aqui bem mais aliviadas. Pedro está respirando, amiga! Continua na UTI, mas já sem respiradores, sem tubos. Talvez amanhã vá para a enfermaria. Agora sinto menos peso para escrever o artigo que os amigos da Carona pediram. Então, o que as danças brasileiras têm a ver com a Escola

Carona de Teatro? Nada e tudo, risos! No trabalho com a Gabi, eu comecei um estudo coreográfico cujo campo de pesquisa era um terreiro de Umbanda. Esse terreiro fica em Blumenau e o Pai desse terreiro é ninguém mais que o Pépe. Começamos esse estudo em 2015 e chama-se “SAL”. Criado e interpretado por mim, cocriado e dirigido por Gabi. Nossa proposta de criação foi baseada no corpo brasileiro observado no terreiro, em festas populares e na nossa relação de amizade e confiança. Todos esses elementos geraram as dramaturgias corporais. Aqui, os elementos amizade e confiança me remetem à Escola. Aprendi lá que é preciso uma certa intimidade nas relações para

jogar meu corpo em cena. E, para mim, a amizade é uma relação que concentra o cúmulo da intimidade. O “SAL” tem, também, saudade na sua dramaturgia. Um elemento forte que Gabi observou no processo de pesquisa corporal e potencializou sua direção, permitindo que estivesse presente em cena. Dançar a saudade me remete aos motivos que me fizeram fazer aulas de teatro, lembra amiga? Eu canto em cena - lembro das aulas do Fábio na Escola. Eu bordo em cena - lembro do James. São muitos elementos que me atravessam e que Gabi percebeu durante nossos laboratórios de criação. Percebeu, potencializou e dirigiu. Não sei se te contei mas eu faço parte do “Renda que Roda –

Núcleo de pesquisa em danças populares brasileiras” da Universidade Estadual de Matos Grosso do Sul, no qual a Gabi é coordenadora. Aqui a gente aprofunda a pesquisa em corpo brasileiro. Outra coisa, se tu quiseres saber mais sobre o Sal e o processo de criação e tal, Gabriela e eu escrevemos um capítulo de um livro – “SAL: Um processo que criou movimentos de dança e amizade” – que sairá ainda neste ano. Sinto imensa alegria em perceber os elementos de uma trajetória de aprendizagem reunidos no meu corpo em cena. Que o trabalho cênico se dá coletivamente, que a amizade produz intimidade e que isso é fundamental para a criação e a atuação. Para mim,

foi também para aprendizagem do teatro. Que o trabalho de corpo produz poéticas e dramaturgias que imprimem verdade à cena. Tudo isso foi semeado durante os ensinamentos da Carona Escola de Teatro. Elementos que me acompanham, me constituem e me fortalecem. Nunca poderia imaginar que uma escola poderia provocar tantas transformações e tantas potências de criação. Minhas pesquisas sobre corpo cênico continuam e eu sei que o embrião está lá na Carona Escola de Teatro. Em todo embrião, há a potência de vida.

Um beijo, amiga!

PS 1: Não sei se te contei que, quando o Pedro veio a Campo Grande, ele foi a um ensaio do SAL. Eu pedi a ele que desenhasse o que percebia enquanto eu dançava. Ele fez vários desenhos e eu bordei

alguns no meu figurino. Agora que ele ficou doente, eu estava tão impotente que resolvi bordar todos os desenhos.

PS 2: Academicamente: SALVADOR SANTINHO, Gabriela Di Donato; PACHECO, Luciana de Bem. SAL: um processo que criou movimentos de dança e de amizade. In: CARVALHO, Carla; CRUZ E SOUZA, Marco Aurélio. (org.). **Arte e Estética na Educação**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2021. (Coleção: Arte e estética na educação, volume II). No prelo.

PS 3: Estou bem emocionada aqui te contando tudo isso e acho que vou usar essas cartas para escrever o texto que a Cia Carona me pediu, risos.